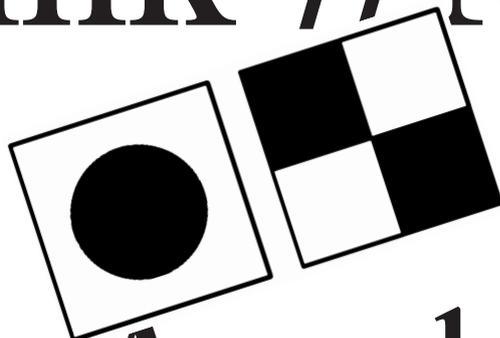


#Slow #Stop...
#Think #Move

curadoria



curated by

Ana Anacleto

Território / Territory #2

3

Tempo
Time

5-8

#Slow #Stop...
#Think #Move
(PT)

9

SALAS
ROOMS
1 + 2

10

SALAS
ROOMS
3 + 4

11-14

#Slow #Stop...
#Think #Move
(ENG)

FIDELIDADE
DIREÇÃO DE RELAÇÕES
INSTITUCIONAIS
E RESPONSABILIDADE SOCIAL
*DIRECTORATE OF INSTITUTIONAL
RELATIONS AND SOCIAL
RESPONSIBILITY*
Teresa Ramalho
Felisbela Paulino

TERRITÓRIO #2
PROGRAMAÇÃO
*TERRITORY #2
PROGRAM*
Bruno Marchand

CURADORIA
CURATED BY
Ana Anacleto

COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO
COORDINATION AND PRODUCTION
Sílvia Gomes
António Sequeira Lopes

MONTAGEM
ASSEMBLY
Equipa/ Team Maria Torrada

DESIGN GRÁFICO
GRAPHIC DESIGN
Sofia Gonçalves

ASSISTENTES DE SALA
GALLERY ASSISTANTS
Frederico Almeida
Rita Catarino

AGRADECIMENTOS
ACKNOWLEDGEMENTS

Ana Anacleto gostaria de agradecer a Bruno Marchand e a toda a equipa da Culturgest, a todos os artistas na exposição, a Sofia Gonçalves, a Maria Torrada e à sua equipa, aos colecionadores e emprestadores institucionais e particulares, às galerias envolvidas, aos amigos ... e muito particularmente aos seus avós e pais (procrastinadores, revolucionários e resistentes) e a Vasco Barata pelos anos de partilha ideológica, conversas, discussões e trocas de impressões acerca do tempo e das suas incomensuráveis implicações no universo das vidas construídas, vividas e partilhadas.

Ana Anacleto would like to thank Bruno Marchand and the whole team at Culturgest, as well as all the artists in the exhibition, Sofia Gonçalves, Maria Torrada and her team, the collectors and lenders to the show, both institutional and private, the galleries involved, friends... and, in particular, her grandparents and parents (procrastinators, revolutionaries and resistance fighters) and Vasco Barata for the years of ideological sharing, conversations, discussions and exchanging impressions on time and its incommensurable implications in the realm of lives that are built, lived and shared.

2

	TIME	
OPEN	TIME	
ENCLOSED	TIME	
OUTER	TIME	
	TIME	SUITE
	TIME	(LESS)
LIVING	TIME	
PROJECTIVE	TIME	
	TIME	CAPSULE
UBIQUITOUS	TIME	
	TIME	FRAME
	TIME	COUNTER
	TIME	-LAPSE
	TIME	CHAIN
	TIME	INTERVAL
MEASURABLE	TIME	
UNSTOPPABLE	TIME	
	TIME	STATION
BLANK	TIME	
NO	TIME	
	TIME	OUT
	TIME	TABLE
	TIME	INVADERS
	TIME	CONTINUUM
IRREVERSIBLE	TIME	
LOST IN	TIME	
COUNTING	TIME	
HISTORICAL	TIME	
CHRONOLOGICAL	TIME	
	TIME	CURVE
PERFORMATIVE	TIME	
HEGEMONIC	TIME	
	TIME	LOST
CATCHING	TIME	
UNDIMENSIONAL	TIME	
MATERIAL	TIME	
	TIME	RACE
NULL	TIME	
LEAVE	TIME	
INSTANT	TIME	
OVER	TIME	
AVAILABLE	TIME	
	TIME	UNIT
POSITION IN	TIME	
EDGES OF	TIME	
	TIME	WRITER
	TIME	CONSUMING
LACK OF	TIME	
	TIME	SAVING
CHANGING	TIME	
	TIME	FILLER
WASTED	TIME	

*

lista de 52 expressões decorrentes do conceito de “Tempo” criada por Ana Anacleto em Janeiro de 2023, a partir de lista de 52 expressões decorrentes do conceito de “Espaço” criada por Georges Perec em 1974 e incluída em *Species of Spaces* [Especies d'espaces], Penguin Classics – Penguin Books, London, 2008.

list of 52 expressions stemming from the concept of “Time” created by Ana Anacleto in January 2023, from the list of 52 expressions stemming from the concept of “Space” created by Georges Perec in 1974 and included in Species of Spaces [Especies d'espaces], Penguin Classics – Penguin Books, London, 2008.

No contexto da sociedade contemporânea que define a nossa vivência diária, habituámo-nos a verificar – e necessariamente a conviver – com uma ideia de aceleração de ritmo proporcionada pela urgência da produtividade. Somos impelidos a acelerar, para poupar tempo, perante a promessa da conquista de mais tempo. Na realidade, a percepção desta aceleração não é tanto uma determinação apriorística mas antes uma consequência da desvalorização desse mesmo tempo. Momentos instantâneos (cada vez mais curtos) sucedem-se ininterruptamente, devorando-se, devorando e devorando-nos, sem que a eles consigamos associar relevância ou pertinência e, cada vez menos, a possibilidade de constituição de memória.

Particularizando agora, e concentrando o foco, na actividade profissional da Curadoria, parece-nos vital repensar o enquadramento acelerado em que passámos a desenvolver o nosso trabalho quotidiano – sobretudo numa era pós-digital, saturada de informação – e o quanto experimentamos, por inerência de funções (que se multiplicam, desdobram e renovam constantemente), um esmagamento, um assoberbamento generalizado que, ao invés de nos aproximar da possibilidade de produção de conhecimento através de experiências estéticas significativas e ricas, nos afasta constantemente ao limite do fracasso. Altos níveis de produtividade, exigência, atenção, informação saturada, muito dispersa e um consumo cada vez mais deficiente e distraído, marcam os nossos dias, e não são afinal mais do que um decalque do entendimento da actividade laboral instituída pelos modelos neoliberais.

É interessante e oportuno, parece-nos, repensar estes modelos e fazer aproximar a prática curatorial de uma actividade mais ligada ao mundo e à vida, procurando formas mais significativas de operar na relação com os objectos, com os seus processos de concepção e produção, com os artistas e explorando possibilidades de relação que possam devolver à experiência estética a dimensão contemplativa que necessariamente lhe é intrínseca. Procurar recuperar o sentido original do termo, aproximando a Curadoria da sua responsabilidade cuidadora, cuidadosa, atenta, permitindo-lhe acontecer ao seu ritmo, contrariando uma ideia sistemática de avanço

precipitado, de compulsão para a produção (apenas pelo garantir da produção), abrindo caminhos de intervenção e de pesquisa, visando outras possibilidades de ser neste espaço e neste tempo.

A exposição *#Slow #Stop... #Think #Move* propõe-se como um ensaio, em torno da possibilidade de contrariar o tempo hegemónico. Dando continuidade a uma investigação (já esboçada em projectos curatoriais anteriores) em torno da possibilidade de edificação de uma prática curatorial desacelerada, lenta, que contrarie a urgência tendencial, através do recurso a um conjunto de estratégias processuais definidas – como a curiosidade, a observação, a investigação, a atenção dirigida, mas também a procrastinação assumida, a recusa e a negação – e procurando valorizar e respeitar (dilatadamente) os vários tempos que compõem o *continuum* de tempo implicado na preparação de uma exposição, entendemos este ensaio como um exercício especulativo em desenvolvimento, que se pretende duracional.

Ao longo dos vários intervalos de tempo que compõem o referido tempo *continuum*, permitimo-nos travar e parar... entendendo o parar numa dimensão particular que implica o não avanço e o não recuo, resgatando apenas aquilo que pode estar entre ambos, para que a partir dessa paragem (entre) possa acontecer o pensar. Foi este parar (entre) que nos permitiu reflectir sobre a possibilidade de dilatação do tempo da própria experiência expositiva, sobre a possibilidade de testar elementos que, de forma clara, possam ajudar a produzir, no espectador, uma experiência dilatada e atenta.

A primeira condição para o estabelecimento dessa experiência dilatada prende-se com a assumpção da condição física e temporalmente divisível desta experiência. Concebendo a exposição em duas partes interdependentes e sucessivas, a decorrerem em intervalos de tempo distintos (entre Fevereiro e Maio a primeira, e entre Junho e Setembro a segunda) e em espaços físicos e localizações geográficas também distintas (a primeira na Fidelidade Arte, em Lisboa e a segunda na Culturgest, no Porto), permitimo-nos convocar duplamente a presença do espectador apelando à possibilidade de uma experiência que, para além

de se alongar no tempo, decorre necessariamente de condições perceptivas e cognitivas cumulativas.

Desaceleramos primeiro para parar a seguir, para depois pensar e finalmente agir. Há nestes gestos (e o título da exposição aponta justamente para tal) um sentido sequencial claro. Um passo a seguir ao outro, uma acção a suceder a outra. Mas também sabemos que a possibilidade de poderem acontecer num processo que é simultâneo (ou que aparenta sê-lo) é absolutamente real. Nenhuma destas acções toma lugar sem que, para tal, haja a produção de pensamento associada a movimento (a inércia é também ela uma das muitas dimensões do movimento) ... a acontecer num determinado intervalo de tempo.

Para esta primeira parte da exposição procurou-se uma aproximação às ideias revolucionárias de desaceleração, de abrandamento ou mesmo de paragem (invocada ou forçada), permitindo – através da apresentação de um conjunto heterogéneo de obras – a constituição de salas-ambiente e proporcionando uma possibilidade de relação lenta e desacelerada, recuperando assumidamente uma ideia de contemplação.

As paredes das quatro salas que constituem o espaço da Fidelidade Arte foram propositadamente pintadas de um tom cinza escuro e a iluminação mantida num grau de intensidade propositadamente baixo, solicitando ao espectador (logo num primeiro momento) um tempo necessário para que possa processar-se uma natural adaptação da sua acuidade visual.

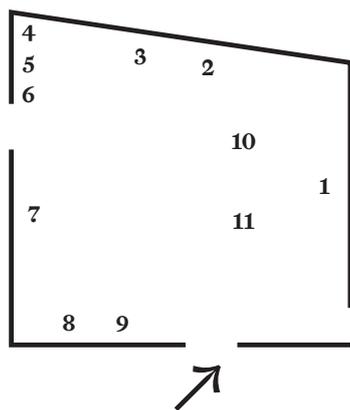
Na primeira sala apresenta-se um conjunto de obras (Ana Jotta, Ana Santos, Fernando Calhau, Mattia Denisse, Michael Biberstein e Sol Lewitt) reunidas em torno de princípios de indeterminação e ambiguidade, procurando um deslocamento da questão da representação e do reconhecimento, e privilegiando a possibilidade de encontro com o misterioso, solicitando ao espectador uma relação temporalmente dilatada. O universo sensorial e cognitivo da primeira sala é prolongado para a segunda onde se apresentam apenas três obras (Isabel Carvalho, Jonathan Monk e Luís Paulo Costa) que, embora de certa forma encapsuladas e ensimesmadas, permitem a edificação de relações dialógicas em torno

dos seus próprios códigos processuais – linguagem que não comunica, pintura e escultura que citam enquanto simultaneamente procuram alargar os seus próprios limites disciplinares, questionando-se.

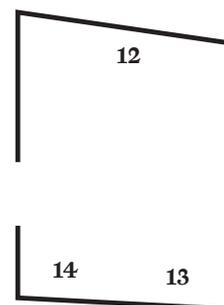
A entrada na terceira sala, onde se apresentam apenas duas obras (Armanda Duarte e Mariana Caló e Francisco Queimadela) convida a um mergulho num instante dilatado de tempo e aponta para um olhar na direcção dos micro-acontecimentos. Estamos no território do infra-ordinário, do quotidiano, que surge anotado, apontado, sublinhado, revelado através do olhar atento dos artistas. Na passagem da terceira para a quarta e última sala deparamo-nos com uma obra que nos assombra (Francisco Tropa) e que, simultaneamente nos espelha. Num curto instante de tempo anuncia-nos o encontro com um núcleo de obras (António Dacosta, António Júlio Duarte, Isabel Carvalho, Isabel Cordovil, Julião Sarmiento, Paulo Brighenti e Vasco Barata) que se organizam, muito claramente, em torno de uma ideia de paragem. Uma paragem limite. Uma paragem que pode vir a acontecer no limite. Parar não implica necessariamente morrer, mas não parar poderá indiciar uma contínua fuga para frente, em direcção à exaustão que não permite observar, pensar, cuidar. A presença de sombras, fantasmas, representações ou evocações da morte procuram apontar aqui no sentido de uma ideia de fim eminente ... apenas resgatado pelas duas pinturas de caracóis espelhados (quase gémeos) de Tiago Baptista que, a esse respeito, nos relembram a importância da atenção ao tempo, à sua condição cíclica, convidando-nos a experimentar outra possibilidade de 'ser' numa proximidade à condição animal: ser lento pode significar ser melhor.

A partir de uma selecção de obras inteiramente distinta desta primeira parte, a segunda parte da exposição dará continuidade a esta reflexão, procurando debruçar-se mais concentradamente sobre as ideias de pensamento, de movimento e de acção, num contexto de promoção da ausência, do deslocamento e do retorno a determinadas práticas que implicam uma atenção também ela demorada, dirigida e presente.

SALA/ROOM 1



SALA/ROOM 2



1 MICHAEL BIBERSTEIN

Bigwide, 1991
 Acrílico sobre tela de linho
Acrylic on linen canvas
 Coleção da/ *Collection* Caixa Geral
 de Depósitos

2 ANA SANTOS

Sem título, 2012
 Acrílico e tinta da China sobre madeira
 de balsa
Acrylic and Indian ink on balsa wood
 Coleção particular
Private collection

3 ANA SANTOS

Sem título, 2016
 Bronze
 Coleção particular
Private collection

4 MATTIA DENISSE

(...) na madeira e nas almas (...), 2021
 Tinta da China e lápis de cor sobre papel
Indian ink and colored pencil on paper
 Coleção da/ *Collection* Caixa Geral
 de Depósitos

5 MATTIA DENISSE

(...) não é real (...), 2021
 Tinta da China e lápis de cor sobre papel
Indian ink and colored pencil on paper
 Coleção da/ *Collection* Caixa Geral
 de Depósitos

6 MATTIA DENISSE

(...) só a água fala nos buracos (...),
 2021
 Tinta da China e lápis de cor sobre papel
Indian ink and colored pencil on paper
 Coleção da/ *Collection* Caixa Geral
 de Depósitos

7 SOL LEWITT

A Pyramid, 1986
 Serigrafia sobre papel
Silkscreen on paper
 Coleção de Arte Contemporânea
 do Estado, em depósito na Fundação
 de Serralves – Museu de Arte
 Contemporânea, Porto. Depósito em 1991
Portuguese State Contemporary Art
Collection, long-term loan to Fundação
de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto, Portugal.
Deposit 1991

8 FERNANDO CALHAU

Sem título, 1973
 Acrílico sobre tela
Acrylic on canvas
 Coleção da/ *Collection* Caixa Geral
 de Depósitos

9 FERNANDO CALHAU

Sem título, 1973
 Acrílico sobre tela
Acrylic on canvas
 Coleção da/ *Collection* Caixa Geral
 de Depósitos

10 ANA JOTTA

Patás #2, 2020
 Bronze
 Cortesia/ *Courtesy* Galeria
 Miguel Nabinho

11 ANA JOTTA

Patás #6, 2020
 Bronze
 Cortesia/ *Courtesy* Galeria
 Miguel Nabinho

12 ISABEL CARVALHO

Léxico C. B., 2018
 Formas de argila transferidas em spray
 para estores (3 painéis)
Clay molds transferred into blinds
using spray paint (3 panels)
 Coleção de Arte Contemporânea
 do Estado | CACE
Portuguese State Contemporary
Art Collection | CACE

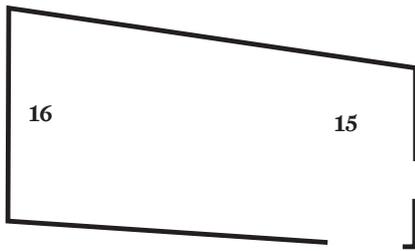
13 LUÍS PAULO COSTA

Dois limões em férias, 2015
 Acrílico sobre bronze
Acrylic on bronze
 Cortesia do artista e de/ *Courtesy*
of the artist and Cristina Guerra
 Contemporary Art

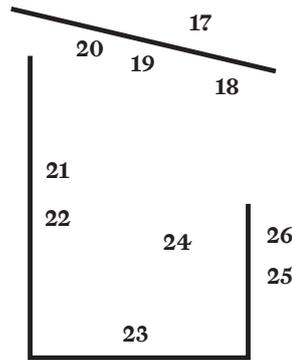
14 JONATHAN MONK

Four Sol Lewitts, three Ed Ruschas
+ a Lawrence Weiner, 2007
 Mármore Marquina
Marquina Marble
 Cortesia do artista e de/ *Courtesy*
of the artist and Cristina Guerra
 Contemporary Art

SALA/ROOM 3



SALA/ROOM 4



15 ARMANDA DUARTE
porque morreu a formiga dentro da lata?, 2012
Carvão sobre papel, lata
Charcoal on paper, can
Cortesia/ *Courtesy* Galeria Vera Cortês

16 MARIANA CALÓ
E FRANCISCO QUEIMADELA
Spilt Milk, 2019
Filme 16mm transferido para vídeo 2k, 4:3, p&b, som, 4'47"
16mm film transferred to 2k video, 4:3, b&w, sound, 4'47"
Coleção dos artistas
Collection of the artists

17 FRANCISCO TROPA
Máscara, 2019
Bronze pintado
Painted bronze
Cortesia/ *Courtesy* Quadrado Azul

18 ANTÓNIO JÚLIO DUARTE
Knife, Greenville, Mississipi, USA, 2017
Impressão a jato de tinta sobre papel
Inkjet print on paper
Coleção particular
Private collection

19 ISABEL CARVALHO
(para/ to BF – Arte & Design, a partir de um desenho de/ based on a drawing by Paul O'Neill)
Our day will come, 2008
Tinta da China sobre papel
Indian ink on paper
Coleção particular
Private collection

20 VASCO BARATA
Drawing by Numbers, 2009
Tinta da China e guache sobre papel
Indian ink and gouache on paper
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Fonseca Macedo, Ponta Delgada

21 ANTÓNIO DACOSTA
O Cálice, 1986
Acrílico sobre tela
Acrylic on canvas
Coleção de Arte Contemporânea do Estado, em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 1990
Portuguese State Contemporary Art Collection, long-term loan to Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto, Portugal. Deposit 1990

22 ISABEL CORDOVID
Untitled (10000mg alprazolam, 1000mg sucrose), 2020
Composição química com a dosagem mínima suficiente para me matar tendo em conta o meu peso e altura; taça de latão
Chemical composition with the minimum dosage sufficient to kill me considering my weight and height; brass cup
Cortesia/ *Courtesy* UMA LULIK

23 JULIÃO SARMENTO
"A memória secreta dos sentidos", 1988
Acetato polivinílico, pigmentos, acrílico e terra sobre tela de algodão não preparada
Polyvinyl acetate, pigments, acrylic and soil on unprimed cotton canvas
Julião Sarmento Estate

24 PAULO BRIGHENTI
Pai #01, 2017-2022
Grés, pigmento e búzio
Stoneware, pigment and whelk
Coleção do artista
Collection of the artist

25 TIAGO BAPTISTA
Sem título, 2021
Óleo e tinta de spray sobre papel
Oil and spray paint on paper
Cortesia/ *Courtesy* 3+1 Arte Contemporânea

26 TIAGO BAPTISTA
Sem título, 2021
Óleo e tinta de spray sobre papel
Oil and spray paint on paper
Cortesia/ *Courtesy* 3+1 Arte Contemporânea

Within the contemporary society that defines our everyday existence, we have become accustomed to seeing—and necessarily living with—the idea of an acceleration in pace sustained by the urgency of productivity. We are urged to go faster, to save time, with the promise of getting more time in return. In reality, the perception of this acceleration is not so much an aprioristic determination as a result of the devaluation of that same time. Instantaneous (and increasingly short) moments follow one another without interruption, devouring themselves and devouring us, without us being able to associate them with relevance or pertinence or the diminishing possibility of forming memory.

To be more specific, and focusing on the professional activity of curators, we believe it to be vital to rethink this accelerated framework in which we have come to carry out our everyday work—particularly in a post-digital age where we are saturated with information—and the extent to which we experience, through an inherence of functions (that continually multiply, unfold and renew),

11 *a general and crushing overburden that, instead of bringing us closer to potential knowledge production through rich and significant aesthetic experiences, constantly drives us to the brink of failure. High levels of productivity, demand, attention, saturated and very dispersed information, and an increasingly deficient and distracted consumption, mark our days and are, in the end, nothing more than a replica of the understanding of labour activity instituted by neo-liberal models.*

It seems to us that it would be interesting and opportune to rethink these models and approach curatorial practice as an activity more closely linked to the world and to life, seeking more significant ways of working in relation to the objects, to their processes of conception and production, and to the artists, exploring potential relationships that could give back to the aesthetic experience the contemplative dimension that is necessarily intrinsic to it. Seeking to recover the original meaning of the term, returning curatorship to its caring, careful, attentive responsibility, allowing it to happen at its own rhythm, opposing a systematic idea of hasty advance,

of a compulsion to produce (merely to guarantee production), and instead paving the way for intervention and research, aiming at other possible ways of being in this space and this time.

The exhibition #Slow #Stop... #Think #Move presents itself as an experiment around the possibility of opposing hegemonic time.

Continuing research (already outlined in earlier curatorial projects) into the possibility of building a decelerated, slowed-down curatorial practice that opposes the tendency towards urgency, using a series of defined process-related strategies—such as curiosity, observation, research, directed attention, but also avowed procrastination, refusal and negation—and seeking to value and respect (at length) the various times that compose the time continuum involved in the preparation of an exhibition, we view this experiment as a speculative exercise in development, which is intended to be durational.

Over the various intervals that compose this time continuum, we allow ourselves to slow down and stop... understanding stopping in a particular dimension that implies not advancing and not withdrawing, retrieving only that which can be between both, so that from this stopping point (between) thought can take place. It was this stopping (between) that allowed us to reflect on the possibility of extending the time of the exhibition experience itself, on the possibility of testing elements that can clearly help produce an extended and attentive experience for the viewer.

The first condition for the establishment of this extended experience is based on the assumption of the physical and temporally divisible condition of this experience. By devising the exhibition in two interdependent and successive parts, taking place in different time intervals (the first between February and May and the second between June and September) as well as in different physical spaces and geographic locations (the first at Fidelidade Arte, in Lisbon, and the second in Culturgest, in Porto), we allowed ourselves to twice summon the viewer's presence by appealing to the possibility of an experience that, as well as being extended in time, necessarily stems from an accumulation of perceptive and cognitive conditions.

First we slow down so that we can stop, then think, and finally act. There is, in these gestures (and the title of the exhibition points to precisely this) a clear sequential connotation. One step following another, one action succeeding the other. But we also know that the possibility of them happening in a process that is simultaneous (or appears to be) is absolutely real. None of these actions takes place without the production of thought associated with movement (inertia is also one of the many dimensions of movement).. happening within a certain interval of time.

For this first part of the exhibition, we sought to approach the revolutionary ideas of deceleration, slowing or even stopping (requested or forced), allowing—through the presentation of a heterogeneous group of works—the constitution of room-environments and making possible a slow, decelerated relationship, openly recovering an idea of contemplation.

13 *The walls of the four rooms of the Fidelidade Arte space were deliberately painted a dark grey and the lighting kept at an intentionally low level of intensity, requiring the viewer (when they first enter) to take the time needed for their visual acuity to naturally adapt to these conditions.*

The first room presents a group of works (Ana Jotta, Ana Santos, Fernando Calhau, Mattia Denisse, Michael Biberstein and Sol Lewitt) brought together around principles of indetermination and ambiguity, seeking a displacement of the question of representation and recognition, and favouring the possibility of encounter with the mysterious, requesting from the viewer a temporally extended relationship. The sensory and cognitive environment of the first room extends into the second, where only three works are displayed (Isabel Carvalho, Jonathan Monk and Luís Paulo Costa) which, although somehow encapsulated and self-absorbed, allow the building of dialogic relationships around their own process-related codes—a language that does not communicate, paintings and sculptures that cite while simultaneously seeking to extend their own disciplinary boundaries, questioning themselves.

On entering the third room, where only two works are presented (Armanda Duarte and Mariana Caló and Francisco Queimadela), we are invited to plunge into an extended instant of time where our gaze is directed towards micro-events. We are in the territory of the infra-ordinary, the everyday, that appears annotated, indicated, underlined, revealed through the attentive gaze of the artists. Moving from the third into the fourth and final room, we come across a work (Francisco Tropa) that surprises and simultaneously mirrors us. In a fleeting moment of time, it announces our encounter with a group of works (António Dacosta, António Júlio Duarte, Isabel Carvalho, Isabel Cordovil, Julião Sarmiento, Paulo Brighenti and Vasco Barata) that are very clearly organised around the idea of stopping. A final stop. A stopping that can happen at the limit. Stopping does not necessarily mean dying, but not stopping could be a sign of a continual flight forwards, towards an exhaustion that prevents us from observing, thinking, caring. Here, the presence of shadows, ghosts, representations or evocations of death seek to suggest the idea of imminent end... rescued only by the two paintings of mirrored snails (almost twins) by Tiago Baptista which, in this respect, remind us of the importance of attention to time, its cyclical condition, inviting us to experience another possibility of 'being' in proximity to the animal condition: being slow can mean being better.

14

With a selection of works that differs entirely from this first part, the second part of the exhibition will continue this reflection, seeking to focus more on the ideas of thought, movement and action, in a context of promotion of absence, displacement and the return to certain practices that involve an attention that is also drawn-out, directed and present.

Licenciada em Escultura, pela FBAUL e pós-graduada em Estudos Curatoriais, pela FBAUL/ Gulbenkian. Bolseira na HdK (Universidade de Berlin). Actualmente, é doutoranda em Arte Contemporânea no Colégio das Artes – Universidade de Coimbra.

Foi técnica especializada em arte contemporânea no IAC-MC (2001-2003), assistente e coordenadora do estúdio de Julião Sarmento (2003-2015), curadora e coordenadora curatorial no MAAT/ Fundação EDP (2015-2018) e curadora e programadora de artes visuais no CAV, em Coimbra (2020-2023) onde concebeu e apresentou o ciclo de exposições “Museu das Obsessões”.

Desenvolve a sua actividade como curadora independente (desde 2003), tendo concebido projectos curatoriais e editoriais para diversos museus e instituições nacionais e internacionais: Museu de Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, Culturgest, Museu Colecção Berardo, MACE, CAV, CAPC, Colégio das Artes, Atelier-Museu Júlio Pomar, Fundação Carmona e Costa, Galerias Municipais de Lisboa, Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes, MIAA, Galeria Municipal de Torres Vedras, ZDB, Fundação PLMJ, Palacete de São Bento/ Residência Oficial do Primeiro Ministro de Portugal, Instituto Camões, Appleton Square, Travessa da Ermida, LUX Frágil, Krinzinger Projekte (Wien), ArteInstitute (NY), Galeria 3+1, Galeria Nuno Centeno, Galeria Cristina Guerra Contemporary Art, Galeria Caroline Pagés, Galeria Lehmann+Silva ou Giefarte.

Foi membro da Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea da Colecção do Estado – MC (biénio 2021-2022). Realizou investigação, análise e consultoria para colecções privadas.

Publicou ensaios, textos e artigos em catálogos e monografias; colaborou com as revistas *XXI – Ter Opinião*, *Pangloss*, *L+Arte*, *Umbigo* e *Contemporânea*; realizou comunicações públicas em conferências, seminários e eventos académicos; realizou visitas guiadas temáticas em colaboração com várias instituições museológicas; foi membro de júris de premiação e selecção para Prémios, Bolsas de Investigação e Residências Artísticas; e realizou diversas conversas públicas com artistas no âmbito de vários projectos expositivos.

É curadora residente e responsável pelo programa de tutorias no projecto de residências artísticas RAMA. Lecciona, desde 2019, a cadeira “Práticas de Curadoria” na Pós-graduação em Curadoria, na FCSH – NOVA, em Lisboa.

15

Ana Anacleto has a degree in Sculpture, from FBAUL, and a post-graduate degree in Curatorial Studies, from FBAUL/ Gulbenkian. She studied at HdK (University of Berlin) thanks to a scholarship. She is currently working on a PhD in Contemporary Art at the Colégio das Artes, University of Coimbra.

She worked as a contemporary art expert at IAC-MC (2001-2003), assistant and coordinator at Julião Sarmento's studio (2003-2015), curator and curatorial coordinator at MAAT/ EDP Foundation (2015-2018) and curator and visual arts programmer at CAV, in Coimbra (2020-2023), where she conceived and presented the cycle of exhibitions entitled Museu das Obsessões (Museum of Obsessions).

She currently works as an independent curator (since 2003), and has developed curatorial and editorial projects for various museums and institutions in Portugal and abroad: Museu de Serralves, Calouste Gulbenkian Foundation, Culturgest, Museu Colecção Berardo, MACE, CAV, CAPC, Colégio das Artes, Atelier-Museu Júlio Pomar, Fundação Carmona e Costa, Galerias Municipais de Lisboa, Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes, MIAA, Galeria Municipal de Torres Vedras, ZDB, Fundação PLMJ, Palacete de São Bento/ Official Residence of the Prime Minister of Portugal, Camões Institute, Appleton Square, Travessa da Ermida, LUX Frágil, Krinzinger Projekte (Vienna), ArteInstitute (NY), Galeria 3+1, Galeria Nuno Centeno, Galeria Cristina Guerra Contemporary Art, Galeria Caroline Pagés, Galeria Lehmann+Silva and Giefarte.

She was a member of the Commission for the Acquisition of Contemporary Art for the State Collection – Ministry of Culture (biennium 2021-2022).

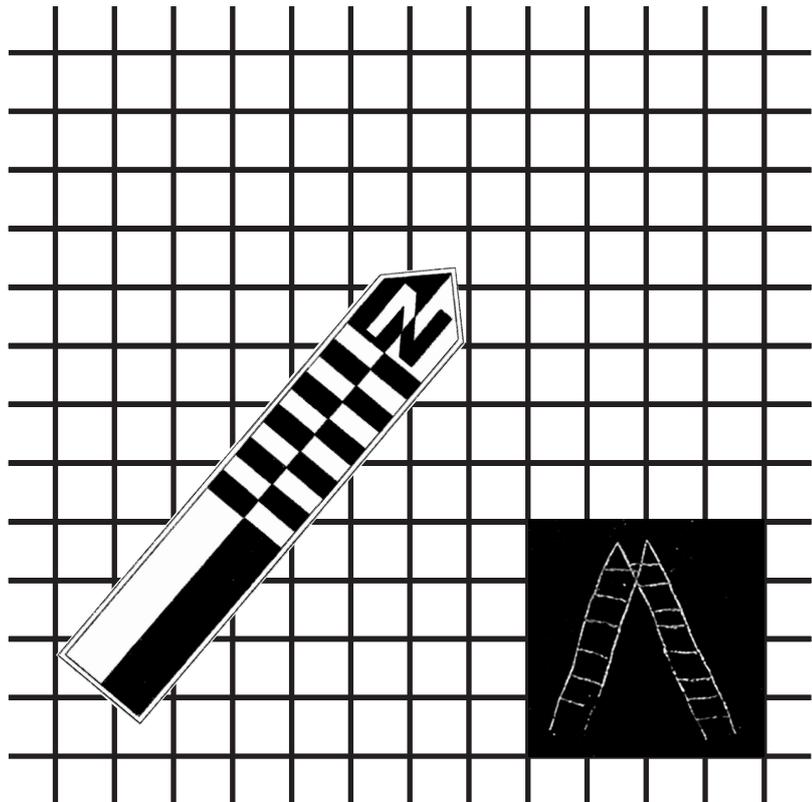
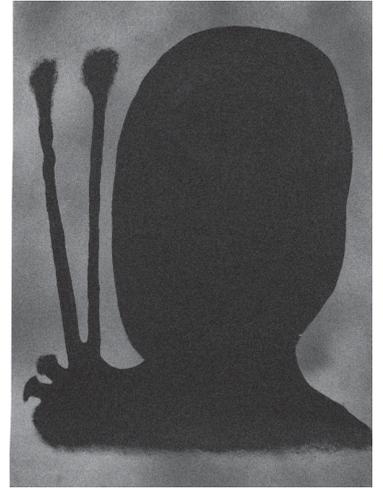
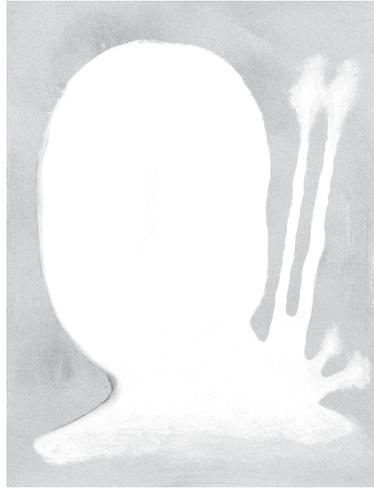
She has carried out research, analysis and consultation for private collections.

She has published essays, texts and articles in catalogues and monographs; collaborated with the magazines XXI – Ter Opinião, Pangloss, L+Arte, Umbigo and Contemporânea; given speeches at conferences, seminars and academic events; held thematic guided visits in collaboration with various museological institutions; been on selection panels for awards, research grants and artistic residencies; and held several public conversations with artists in the context of various exhibitions projects.

She is resident curator and in charge of the tutoring programme for the RAMA artistic residency project.

Since 2019, she has taught the subject of 'Curatorial Practices' at post-graduate level, at FCSH – NOVA, in Lisbon.

Our
Day will
Come



20FEV'23 ↗ 05MAI'23

Fidelidade Arte (Lisboa)